

Claudio Magris

# Uma Causa Improcedente

Tradução de Antonio Sabler



QUETZAL serpente emplumada | Claudio Magris



«SUBMARINOS USADOS — COMPRO E VENDO.» O anúncio no *Piccolo banditore* era de 26 de outubro de 1963; evidentemente ele — carregado de dívidas, ludibriado pelas promessas milionárias de várias administrações públicas e até de ministérios, estrangulado pelos usurários, perseguido pelos proprietários dos terrenos e dos hangares onde tinha arrumado os seus aviões e as suas pontes militares bombardeadas, vira-se forçado a vender algumas relíquias de grande tonelagem, mas, no preciso momento em que se dispunha a vender, fora de súbito possuído pelas suas Fúrias e tinha procurado também comprar — não se sabe com que dinheiro, mas de qualquer modo comprar — submersíveis, *Panzer* ou aparelhos para a dragagem de minas.

Podia ser o início; a antecâmara do Museu, logo à entrada. Na parede defronte a quem entra um grande ecrã negro, afetado por um tremor indistinto, um ruído de fundo que parecia de água; o seu rosto surge naquela escuridão, uma fotografia do início dos anos 70. Cabeça que emerge das águas negras, olhos febris, astutos; sulcos de suor, gotas de água escorrem ao longo dos malares panónios. No meio da sala, o submarino, um U-Boot da Marinha Imperial da Primeira Guerra Mundial, adquirido ou obtido sabe-se lá como. Submarinos usados — compro e vendo. Voz pomposa, insinuante. Reconstruída, com uma

hábil elaboração de vários registos radiofónicos na Radio Trieste. Um inócuo aviso económico que se torna, graças à reconstrução da voz — recomposta, ou seja, verdadeira, absoluta, não aquela casual e mutante do momento em que se fala —, uma sedução, a proposta de um rufião na sombra. Entrar no Museu como se entra num *night-club*, votado ao néon; pode ser uma boa ideia, pensava Luísa. Também faltava o *clou*, a atração mais buscada e referenciada, aqueles famosos blocos. Um mistério iniciático, ao qual só falta para cúmulo a espiga de trigo que consagra o adepto.

A família, a propósito, fora clara, naquela carta enviada ao diretor do *Corriere Adriatico* e publicada com grande destaque. «[...] permita-se-nos, como seus herdeiros, expressar o nosso espanto e a nossa contrariedade pelo pequeno artigo publicado a 12 de março passado, no vosso jornal. Não conseguimos entender com que direito e qual autoridade se possa anunciar que também os seus diários — milhares de folhas agrupadas em cadernos numerados, com várias chamadas e referências — serão organizados, juntamente com todo o vastíssimo material bélico, naquele Museu dedicado à documentação da guerra para exaltar a paz, Museu que, com uma daquelas suas fantasiosas mas sempre motivadas imagens, ele tinha decidido chamar “Ares para Irene”, o deus da guerra que se faz apóstolo de paz. Somos os primeiros a congratular-nos por a Fundação criada pela Província e pelo Município ter decidido montar o Museu, sonho ao qual ele dedicou a vida, restaurando os chalés, as cavalariças, as garagens e o próprio amplo relvado — circundado pela pista e adequadamente coberto — do velho hipódromo. Esperamos que desta vez finalmente o projeto chegue a bom porto; há uma vida que se fala disso e se fazem programas e promessas, uma verdadeira história de Sior Intento. Mas no que respeita àqueles diários, esses são e permanecem da nossa exclusiva propriedade, enquanto herdeiros, mesmo se capciosas e para nós

incompreensíveis vicissitudes burocrático-judiciais subtraíram de facto momentaneamente uma sua parte à nossa posse, mas não ao nosso direito de dispor deles do modo que acharmos oportuno, sempre bem entendido no interesse não já nosso, mas da cidadania, da coletividade, da Humanidade, seguindo o seu exemplo, o exemplo de um homem que à sua missão, ao seu ideal, ao seu grandioso projeto sacrificou tudo, carreira, bens, saúde, ou o bem-estar da sua família e por fim a própria vida.

«Estamos prontos, mais uma vez, a dar, a ceder tudo — porque o património moral do Museu é de todos —, a pôr à disposição de todos aqueles canhões, submarinos, carros de combate e armas de todos os géneros que ele recolheu durante decénios para documentar os horrores da guerra e a necessidade da paz. É um escândalo que durante anos nenhuma instituição pública tenha previsto encontrar um ambiente adequado em que organizar o Museu. Mas no que diz respeito aos jornais em geral e em particular os que estranhamente desapareceram, tão ricos de material precioso mas também candente, como de resto foi outras vezes afirmado no *Corriere Adriatico*, estamos certos, egrégio diretor, que o Seu jornal, conhecedor da importância e da delicadeza da questão, não...»

Em vez de na rubrica das cartas, o jornal tinha-a publicado na terceira página, dando-lhe um belo realce, com títulos e subtítulos bem destacados. Não era que quisessem mais uma vez destacar um pouco o caso. Aquela história fazia sempre efeito, sobretudo depois do processo, que, como acontece a cada passo nos processos, tinha deixado as coisas mais dúbias do que antes. Luísa pôs de parte o jornal, que tinha pousado sobre um maço de cadernos, blocos, folhas, fichas, CD, DVD em que estava trabalhando, para dispor e se necessário integrar as notas esboçadas por ele mesmo que deveriam ter ilustrado cada peça do Museu, com as suas funções, a sua história, a do seu inventor,

da fábrica que a tinha produzido, dos engenheiros e operários que nela tinham trabalhado, da unidade militar à qual fora adstrita, da batalha em que fora destroçada, de quem a tinha guiado ou apontado ou carregado ou de como fora parar ao ferro-velho. Àquele aparelho para a dragagem de minas marítimas pensava por exemplo dispô-lo junto ao retificador de vapor de mercúrio; parecia-lhe que emparelhavam bem, morte subaquática e morte por exalação de vapores, morte procurada, evitada, ou diferida, a segunda, mas sempre morte. A morte destina-se aos museus. A todos, não só a um Museu da Guerra. Cada exposição — quadros, esculturas, objetos, maquinaria — é uma natureza-morta e a gente que se aglomera nas salas, enchendo-as e esvaziando-as como sombras, exercita-se na futura estância definitiva no grande Museu da Humanidade, do mundo, em que cada qual é uma natureza-morta. Rostos como fruta colhida da árvore e disposta num prato. Embora ele, nessa matéria...

Luísa remeteu-se ao computador, no gabinete que lhe fora atribuído quando a Fundação lhe tinha dado o encargo de elaborar o projeto do Museu. Não mais que uma sala, mas também ampla, aproveitando uma das cavalariças. Agradava-lhe, aquela sala no meio de tantos grandes espaços vazios. De uma das janelas via algumas peças já provisoriamente dispostas na sala adjacente. Oblongo, vagamente cilíndrico e esverdeado, o aparelho para a dragagem de minas parecia um peixe-boi, criatura marinha que se move torpe mas silenciosamente para captar a presa. Lá fora, na noite, os ramos de um carvalho agitados pelo vento arrojavam-se sobre a sua janela como garras, tentáculos recurvos bailavam no escuro à luz do lampião e recolhiam-se oscilantes na sombra, falhada a presa, sabe-se lá por quanto tempo. Luísa estremeceu, por um instante pareceu-lhe sentir os anos como uma coluna de água escura que martelava as têmporas, uma enxaqueca

que a fazia absurdamente pensar no amor — ou talvez no seu fim, já que para ela fora quase sempre a mesma coisa.

Aquela covinha junto à boca, que de resto em geral agradava, não era realmente uma ruga, mas ela sentia-a quase sempre como uma cicatriz. Um beijo, uma dentada — estou a ficar também como ele; com o ímpeto de ler os seus papéis até confundir-me com ele e ocupar-me das suas metralhadoras e das suas espadas, agora que apanhei o hábito de levar também para casa, à noite, alguns daqueles papéis e daquelas fotografias para estudar como organizá-los até que me chegue o sono, acabarei por crer também eu que tudo seja só guerra e cada sinal uma cicatriz. Fez correr ao de leve um dedo pela lâmina de uma das espadas encostada provisoriamente à parede; o sulco que deixava na pele era nítido mas logo desaparecia.

Ele, não obstante aquele seu fim horrível, era provavelmente ignorante daquelas cicatrizes que cada coisa deixa no coração; talvez não sentisse aquele palpitar da vida no escuro e não visse aquela escuridão, tão ocupado estava a olhar por terra, a escavar, a buscar e a recolher aqueles objetos insensatos, troncos escavados, estilhaços de granadas, gamelas amachucadas, telefones de campanha, bússolas amolgadas, espoletas. A sua lanterna, de noite, iluminava só o terreno revolto, os buracos esventrados, os fundos dos sumidouros, um capacete ferrugento que luzia no meio das ervas.

Assim tinha atravessado a sua noite, feito em pedaços mas indemne, feliz por aquelas coisas frias e mortas que escavava da terra ou se fazia oferecer por exércitos em derrocada ou estaleiros desativados, sem se aperceber da vida que sussurrava à volta dele como de todos, ameaçando morte e ruína — não a boa morte já morta que não faz mal a ninguém, mas o vivo e contínuo morrer do corpo e do coração, a luz sempre mais fraca na

alma, o frio nos ossos, mais mortal que as chamas que o teriam envolto na sua última hora, naquele longo e cómodo ataúde que escolhera para dormir no coberto junto aos seus carros de combate, lança-mísseis e iatagãs amontoados confusamente, aqueles ferros-velhos de todas as guerras que eram os marcos miliares da sua existência, aquele tanque conseguido em 1945, aquele tén-der de 1947, os fragmentos e as estruturas da giratória e demolida Ponte Verde, posição confirm entre o Canal e o mar. E ele, só com o seu ataúde naquele seu armazém abarrotado de armas que esperavam o Museu e no qual deflagrara o incêndio. O seu reino; seu porque desabitado, evacuado de todos os vivos que impedem a paz porque para viver precisam da guerra, também em casa, em família, na cama — por vezes, pensou Luísa, pegando nos apontamentos para aquele aparelho antiminas, quando se acorda muito cedo, pela manhã que apenas se entrevê pálida por detrás das persianas, espia-se de uma almofada para outra, como numa trincheira, o companheiro adormecido. Não haverá nenhum ataque, mas está-se alerta, na vaga expectativa do fogo. Quando na escola tivera de estudar a Guerra dos Trinta Anos, tinha pensado logo na família. Não na sua, antes em geral. E quanto a ele, não tinha ainda entendido se era um bem ou um mal não ter família própria e de o pensar sentia por instantes o coração vazio.

Ele adormecia no seu ataúde, não ainda morto mas tranquilo e sereno como se já estivesse, como agora, que estou rebuscando nos seus papéis como se fossem o seu pó, cinza de carne queimada que só os investigadores tinham podido distinguir, naquela noite — melhor, na manhã seguinte, quando os bombeiros, ao cabo de muitas horas, apagaram o incêndio — da cinza da madeira do ataúde queimada com ele. Talvez tivesse tido medo de morrer, mas não certamente da morte; no meio daqueles jipes, baionetas, sabres e bandoleiras, sentia-se seguro como no meio das estátuas e das lápides de um cemitério, onde



a espada, brandida por um cavaleiro de mármore que vela sobre uma tumba, já não se abaixa violenta a golpear. Tinha escrito, diziam, até ao Presidente dos Estados Unidos, pedindo-lhe o sistema de mira *Norden* que tinha lançado a bomba em Hiroxima.